

OS BATALHÕES PESADOS

*Abmalena Santos Sanches**

RESUMO

O presente artigo é fruto de uma pesquisa de mais de sete anos junto aos grupos de Bumba-meu-boi do sotaque da Ilha ou de Matraca de São Luís do Maranhão. Nesse estudo faço uma descrição do universo desses grupos levando em consideração os principais aspectos vivenciados por eles como o conflito, a disputa, a festa, a identificação e dedicação dos seus componentes. Levanto aspectos históricos da festa mais significativa para os mesmos, ou seja, a festa de São Marçal, palco tradicional de disputa e conflito dos bumbas desse sotaque. Destaco também a trajetória histórica de aceitação dos bumbas na cidade de São Luís fazendo um relato de como tais grupos deixam de ser considerados marginais para se tornarem símbolos de identidade maranhense.

Palavras Chaves: Bumba-meu-boi, Cultura Híbrida, Festa.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Os “*batalhões pesados*”

Desperta Madre Deus querida/Desperta e vem cantar comigo/Este povo já conhece o meu rojão/Quando eu entro na peleja/É pra ser campeão/Eu era criança e ainda me lembro muito bem/Quando eu formava trincheira não perdia pra ninguém (Toada de Sabiá, ex-cantador do Boi da Madre Deus, 1997).

* Mestre em Antropologia pela UFPE, Professora Substituta da UFMA e Professora do UNICEUMA

Este artigo tem como objetivo apresentar e discutir alguns elementos que são considerados significativos para a construção da imagem de um grupo de bumba-meu-boi da ilha ou de matraca enquanto um “batalhão pesado”. Não tenho pretensões de fechar qualquer discussão a respeito do que venha a ser um “batalhão pesado”, mas indicar e propor outras discussões a fim de compreendermos a importância e o sentido que leva membros, brincantes, torcedores e assistência a disputarem e requererem para o seu grupo preferido tal título por toda a cidade de São Luís.

Estes grupos de *sotaque* da ilha são considerados os “grandes batalhões”, os “bois de peso”, ou os “*batalhões pesados*”. São aguerridos, estão sempre prontos para a batalha. Sua linguagem expressa valentia e poder. Consideram-se fortes e destemidos, são verdadeiras fortalezas. O sentido de “guerra” está sempre presente no discurso dos brincantes, nas toadas dos cantadores, na composição do grupo, e há sempre com quem guerrear, há sempre um *contrário* para vencer. Mas o que é mesmo um *contrário*?

Contrário é uma pessoa contra. [contra quem?] Quer dizer, contra assim: Manoel, aquele rapaz ali é meu inimigo, tá entendendo? Então é um contrário, é contra mim. [Tem contrário contra boi?] Tem! São pessoas despeitadas, justamente que não pode fazê boi. Ou então que faça outro boi pracolá e eu, faço o meu pra cá. O meu é melhor que aquele de lá. Então, o de lá[...] é contrário².

A “luta de contrários”, para usar uma expressão de Prado (1977) pode-se caracterizar como uma expressão de violência numa relação de confronto e de rivalidade. *Contrário* pode ser então um outro grupo de boi, um brincante de outro grupo ou mesmo um torcedor, ou seja, qualquer pessoa ou grupo diferente, que pertence ou se identifica com outro, “Contrário sai da frente que lá vai/O meu batalhão pesado com o povão da Madre Deus/Tu sabes, contrário, tu não esqueceu/Que nesse batalhão/O comandante ainda sou eu” (Toada de Zé Alberto, cantor do Boi da Madre Deus, 2002).

A disputa entre *contrários* é um dos elementos que move os grupos. Todos se consideram como “batalhões pesados”, possuidores do melhor cantor, da mais bonita *trincheira*³, da melhor *trupiada*⁴ e do mais belo conjunto. Nas toadas, fica bem expresso o sentimento de pertencimento e enaltecimento do grupo, o que é demonstrado através do uso de expressões de caráter militar presentes no discurso, no qual se assume uma postura de combate na relação com outros grupos. Veja os exemplos nas toadas que seguem:

Eu joguei granada e atirei de canhão/Destruí com tudo quanto foi batalhão/No desfile do João Paulo/Contrário tem que respeitar/E varrer avenida pro Boi da Madre Deus passar (Toada de Ronaldinho, ex-cantador do Boi da Madre Deus, 1999).

Cheguei, formei minha trincheira/Já visitei outros terreiros/Cantando boi pra São João/A estrela que me ilumina/Ela me fascina e me dá inspiração/Eu fiz na sua porta a terra tremer/Com uma trupiada que só a Maioba sabe fazer (Toada de Chagas, cantador do Boi da Maioba, 2000).

[...] Touro do Maracanã urrou/Fraco saiu correndo/Forte também não ficou/Abalou a terra do sul ao norte/Respeita contrário, meu batalhão é mais forte (Toada de Humberto, cantador do Boi do Maracanã, 2000).

Lá vai o meu batalhão, lá vai o meu batalhão pesado/Esse ano, no dia de São Marçal/No João Paulo eu vou cercar de lado a lado/Eu vou mostrar a força do meu boi/Eu não quero nem saber o que aconteceu depois (Toada de Zé Alberto, cantador do Boi da Madre Deus, 2002).

Muitas vezes, durante o trabalho de campo, sentia-me fazendo parte desta disputa. Fui provocada por amigos e familiares que se identificam com outros grupos de bois, sendo, portanto, meus *contrários*. Estes me diziam que o grupo escolhido, Boi da Madre Deus, já não era um batalhão pesado, e sim um boi pequeno. Questionavam também a minha escolha, dizendo que havia grupos melhores a serem estudados. Portanto, encontrei-me, em alguns momentos, defendendo e reproduzindo o discurso do grupo com que estou envolvida. E explicava sempre que tinha admiração por outros grupos, mas onde eu me sentia bem, onde o meu coração batia mais forte e onde eu ficava emocionada e torcia, era na Madre Deus, junto daqueles que eu tinha escolhido. Lá me sentia aconchegada, por conhecer muitas pessoas e manter com elas uma relação de amizade. Sendo assim, eu também demarcava um lugar, era cúmplice desse grupo, pois compartilhei dessa atmosfera de luta, de conflito, de competição, de solidariedade e conagração.

2 A PREPARAÇÃO PARA A “BATALHA-FESTA”

A “batalha” é iniciada já nos ensaios, quando se disputa entre os grupos quem consegue reunir mais pessoas nos seus *terreiros* ou *viveiros*, podendo ser medido o prestígio da brincadeira a partir daí. Passam os meses de abril e maio se preparando para brilhar no São João, no mês de junho. Durante as apresentações é possível sentir a disputa para ser o “melhor”, o “maior”, o que possui “mais prestígio”, pois entre um arraial e outro, quando um grupo chega e outro ainda está se apresentando, surgem alguns comentários sobre o desempenho daquele que é considerado *contrário*: “Viram a trupiada?” “Ouviram a toada de fulano?” “Tava esquisita a roupa das índias.” “O boi estava feio”. “Esse boi não tava pequeno?”. Porém, esse não é um fato que ocorre só entre os brincantes, entre o público, pois a assistência, simpatizantes e torcedores rivalizam entre calorosas conversas e disputas, apaixonados que são para conferir ao seu grupo o título de melhor bumba-boi do Maranhão.

A disputa acirra-se mais no dia 30 de junho, dia de São Marçal, no desfile dos grupos no bairro do João Paulo, na avenida João Pessoa. Lá acontece oficialmente o encerramento das apresentações do mês de junho. Esse dia é o momento só deles, são só os grupos de *sotaque* de matraca, é o encontro dos “*batalhões*”, é o desfile dos bois da ilha. É um momento esperado e comentado. São aproximadamente 45⁵ grupos desfilando por 400 m de avenida, do romper do dia ao anoitecer, para um público estimado em 200 mil pessoas⁶. Aqui, convém abrir um parêntese para dizer algo sobre a festa de São Marçal, uma data muito significativa para os grupos desse *sotaque*.

Segundo informações contidas no Jornal O Estado do Maranhão, em 01/07/01, essa festa acontece há aproximadamente 74 anos, teve início em 1928, quando alguns moradores e comerciantes do bairro do João Paulo organizaram um encontro entre dois bois – Sítio do Apicum e São José dos Índios⁷ – e até hoje ela é organizada por moradores que criaram, em 1985, um grupo⁸, chamado “Ação Voluntária”, que se encarregou de organizar o espaço, criando condições para o desfile. Não há pagamento de cachês aos grupos nem aos cantadores, estes recebem um troféu em homenagem à passagem e a cidade ganha a festa. (MULTIDÃO, 2001, p.12).

Além de homenagear São Marçal, o evento relembra um momento importante na história do bumba-meu-boi em São Luís, pois conforme a memória dos boieiros e informações das portarias da Polícia do Estado do Maranhão, publicadas no Diário Oficial entre os anos de 1920 a 1949, e da bibliografia sobre o assunto, os grupos não tinham permissão para brincar no centro da cidade, e a via que hoje é a Avenida João Pessoa, era, até início do século XX, parte do

antigo Caminho Grande – estrada que ligava a zona rural ao centro urbano de São Luís – um dos limites permitidos aos bois. Outro limite de passagem dos grupos era a avenida Getúlio Vargas, que é uma continuação da avenida João Pessoa, à qual fazem referências as portarias da Polícia Estadual.

Hoje o bairro do João Paulo é um centro comercial de grande movimentação, onde se pode encontrar bancos, escolas, igrejas, terreiros de mina e umbanda, cartórios, feiras, delegacia de polícia, armazéns, supermercados, lojas, residências, quartel do exército e praças. No dia da festa de São Marçal, a avenida João Pessoa, o coração do João Paulo, é fechada para o trânsito, muda-se o itinerário dos veículos. Tudo é organizado para esperar os batalhões. O cotidiano do bairro e de áreas próximas é alterado, dando margem à pulsação e efervescência da festa. Arma-se um palco ao lado da avenida e são colocadas faixas de agradecimento aos santos pelo festejo e de homenagem a alguns grupos de boi. Por exemplo: “Viva São Marçal”, “Guarnecê, rapaziada⁹, para o povo ver” “Viva o Boi da Pindoba”, “Batalhão de Ouro Guarnecê” e propagandas do Governo do Estado, da Prefeitura Municipal e de empresas privadas como a NBT (Empresa de Telecomunicação Móvel), o que destaca a entrada de incentivos públicos e privados na organização da festa e dos grupos.

A avenida é enfeitada com bandeirinhas e a maioria das lojas do bairro são fechadas, abrindo-se espaço para vendedores ambulantes, o que diminui o espaço de passagem dos grupos e do público, mas favorece uma renda para muitos pais de famílias desempregados que passam o dia entre a festa e o trabalho. Os preços dos artigos vendidos, como chapéus de palha, cerveja, vinho, catuaba, água, churrasquinho, peixe frito, em junho de 2002 variavam entre 1 e 2 reais.

Assim, o palco da festa fica preparado para acolher a “batalha” que começa logo bem cedo, com a chegada dos primeiros grupos por volta das 6:00 horas da manhã, e da multidão cativa que acompanha o boi querido ou do seu bairro, ou simplesmente se entrega a qualquer grupo que passar, pois o importante é tocar, dançar, beber, brincar e se divertir, acompanhando as fileiras do bumba-boi, já que, afinal de contas, é o adeus à boiada. É onde os brincantes mostram toda a sua energia e garra.

Os grupos iniciam o desfile no sentido avenida Kennedy/bairro do João Paulo, ao lado do Quartel do 24º Batalhão de Caçadores – que há cerca de 4 anos distribui¹⁰ água e caldo de feijão aos grupos de boi - são cerca de 300 kg de feijão e incontáveis sacos de água, que são bem-vindos, pois, “matar a sede e ainda reforçar com um caldo de feijão é bom demais. Desse jeito vou até amanhecer”¹¹.

O cortejo do grupo é organizado na seguinte estrutura: primeiro as índias, em seguida os caboclos de pena e depois os caboclos de fitas (o que se

chama de trincheira); o boi fica em trânsito dentro da roda; vêm em seguida o cantador, os matraqueiros, os pandeireiros, os tocadores de tambores-onça, o carro de som e a fogueira móvel (feita com carro de mão ou com uma banda de tonel de ferro e rodas). Seguem-se os grupos, um após o outro. Ao início de cada um, ouve-se o pipocar de foguetes e o anúncio pelo carro de som do nome do boi que está chegando.

O público ansioso procura um lugar estratégico para apreciar o desfile. Nesse momento vale subir no muro do quartel, nas árvores, nas escadarias da praça Duque de Caxias, se aglomerar pela extensão da avenida num vai e vem, num empurra-empurra para alcançar o melhor lugar, mas o mais concorrido é conseguir entrar no bumba-boi e entregar-se ao prazer da festa.

No momento do desfile, cada um dos boieiros se sente mais parte do grupo que está representando, o sentimento de pertença e de comunidade é presente. O local se apresenta, e o local aqui é o seu boi, o seu bairro, sendo possível perceber uma valorização, uma identificação com o lugar de origem do grupo e o próprio grupo. O que pode ser observado no discurso abaixo:

A Madre Deus é um bairro que tem vários grupos. Mas na hora de defender a Madre Deus, se une todo mundo pra defender a Madre Deus. Por sinal, o Boi da Madre Deus, quando vai para o João Paulo, quando chega no João Paulo, eu tenho que trazer 2 ou 3 ônibus pra cá. Pra poder o restante levar. Porque já tem o povo lá, né? Mas o pessoal fica esperando a hora de chegar, pra levar eles pra poder dar mais apoio. E quando chega no João Paulo já tem aquele pessoal com sua matracazinha embrulhada. Aquilo bonitinho, esperando. Quando anuncia o Boi da Madre Deus é uma loucura. É um dos bois que se apresenta muito bem no João Paulo¹²

Sendo também o grupo de bumba-boi um lugar de integração entre localidades¹³, já que reúne brincantes de vários lugares, unindo assim, muitas vezes, pessoas da zona rural e urbana de São Luís, como pode ser percebido nessa toada que segue, a sua identificação fica por conta do local de origem da brincadeira, “Raposa¹⁴, Turu¹⁵., Vinhais e Itapera/Vila Palmeira/Vila Maranhão/Tain, Porto Grande e Cruzeiro/Mercês e Limoeiro/Bom Jesus e Conceição/turma do B. F São João me deu/Firma trupiada/Esse batalhão é teu” (Toada de Humberto, cantador do Boi do Maracanã, 2000).

Isto é, os brincantes que engrossam as fileiras do bumba-boi, ao se

identificarem perante outros grupos ou outras pessoas, dizem-se pertencentes e representantes de um grupo em particular, identificando o nome do bairro de origem da brincadeira. “Agora que eu quero vê/Quem é maiobeiro de coração/Que venha cantar comigo/E dizer Maioba não vai ao chão”¹⁶. Portanto, ao mesmo tempo em que se tem as mais diferentes localidades e bairros convivendo em um único grupo, ao se representarem são identificados e se auto-identificam pelo nome do boi, remetendo todos a uma única comunidade, que é o grupo de bumbaboí. Transformando o boi no local, criando uma unicidade entre o lugar de origem do grupo e o grupo.

O sentimento de rivalidade e de combate impera no momento da festa de São Marçal, e os brincantes assumem sua paixão fazendo o possível para se apresentar da melhor forma; os torcedores vibram e acompanham o grupo da sua preferência. Demarcam assim a zona de fronteira entre o eu e o outro, o que é diferente de mim, entre nós que pertencemos a este grupo e os outros que são nossos *contrários*. O que pode ser destacado no depoimento e na toada abaixo:

[...], a brincadeira cresce no dia de São Marçal, até porque a gente vai para o João Paulo, a estrela brilha, o sol é quente e maravilhoso, a gente fica lá até 3 horas da tarde fazendo aquele boi crescer cada vez mais, e é guerra que a gente vê na estrada do João Paulo[...] e quando chega a nossa hora, a gente não beira para ninguém, a gente quer vê guerra, quer vê derrota e eu não gelo pra nenhuma índia dessas aí, não gelo mesmo, eu passo até por cima se for preciso, porque eu sou Boi da Madre Deus e não abro. [...] Porque eu sou índia pesada da Madre Deus indo e voltando (Ana Lourdes, índia do Boi da Madre Deus).

O meu conjunto é de primeira e no desfile do João Paulo o cara atacou uma tremedeira/Quem ia na frente caiu/Quem vinha atrás sumiu na fumaça da minha fogueira/Foi só pra respeitar o peso que tem a minha trincheira/Agora que eu quero vê/Quem é maiobeiro de coração/Que venha cantar comigo e dizer/Maioba não vai no chão (Toada de Chagas, cantador do Boi da Maioba, 2001).

No dia de São Marçal de 2002, pude perceber claramente a minha cumplicidade com o Boi Madre Deus: vibrei, torci, cantei, dancei, incorporando toda a atmosfera do grupo. Assumindo-me como pertencente à Madre Deus, apesar de ter nascido e de morar em outro bairro. Assim, percebi-me de dentro,

mesmo com uma máquina fotográfica nas mãos, pois me senti solicitada a entregar-me, a me deixar levar pela emoção e tesão do momento.

O sol escaldante não inibe o movimento de crianças e muito menos de idosos. O preparo dos brincantes para enfrentar a “guerra” é regado a sol quente, ao cansaço da noite não dormida, ao calor das fogueiras, a fé nos santos e nos encantados¹⁷, ao sentimento de orgulho e de rivalidade, ao desejo de vitória e de sucesso na passagem, a euforia, ao esquecimento da vida cotidiana, a embriaguez causada pela cachaça, conhaque, catuaba, vinho, cerveja, a tontura causada pelo som vibrante dos pandeirões e das matracas, a força e a energia emanada por seus torcedores.

Todos são contagiados pela efervescência da festa, da disputa, da rivalidade, do conflito, da brincadeira, do lazer, da farra, do prazer. Os caboclos de pena, um dos símbolos desse *sotaque*, que carregam em sua indumentária cerca de 15 kg, dançam como se estivessem começando naquele momento, não parecem ter passado a noite inteira indo e vindo de arraiais, bebendo, cantando e dançando. Os ombros relaxados, braços soltos, quadril encaixado, os pés sincronizados, pulos, rodopios e gritos, determinam o bailado do capacete que na sua forma circular, com as penas voltadas para baixo, balançam num movimento de harmonia com o som vindo dos *murros* dos pandeirões, do repenicado das inúmeras matracas e dos urros dos tambores-onça. Em seus rostos cansados pode-se ver um sorriso que expressa toda a felicidade e prazer de estar dançando, de estar envolvido nesse frenesi, nessa euforia.

Com os tocadores pode-se sentir o prazer de esmurrar um pandeirão afinado, e o cansaço não os domina: superam-no bebendo um gole de cachaça, voltando à fogueira, esquentando o seu pandeiro e retornando para mais uma seqüência de *murradas*, até chegar o fim da avenida. Quando o boi chega próximo ao palanque, onde o cantador sobe e inicia mais uma vez uma toada, “aí é que a coisa pega¹⁸”. Já se passaram cerca de 3 ou 4 horas. Ouvem-se ainda gritos de euforia, repenicar de matracas, urros de tambores-onça e as batidas dos pandeirões. Os brincantes parecem extasiados de prazer e de saudade, pois agora, com esse clima, só no próximo ano. O dia de São Marçal continua pela madrugada adentro e durante o resto do ano será comentário nas rodas de conversas entre boieiros, que se perguntam: “quem me ganhou no João Paulo esse ano?”¹⁹

3 UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DO CONFLITO

Esse sentimento de rivalidade e de disputa que hoje é vivenciado através das toadas dos cantadores e no encontro do João Paulo, entre os grupos, são reminiscências simbólicas de um tempo em que o bumba-meu-boi era consi-

derado “perigoso”, “violento”, “coisa de pretos”, “pobres”, “vagabundos” e “desempregados”.

Na história desses batalhões, a violência física já esteve bem mais presente. Contam-se casos até de mortes ocorridas nos encontros dos grupos, havendo bois que chegaram a ser calados - proibidos de se apresentar por aproximadamente 15 anos, como o Boi da Madre Deus, que carregava o estigma de ser violento, pois diziam que “no dia da morte do Boi da Madre Deus morria gente, mas não morria o boi”. Zé Igarapé, antigo cantador do Boi da Madre Deus, relata um desses episódios guardado em sua memória. Conforme seu relato, em uma das festas de morte do boi foi golpeado no peito pelo maracá do amo *contrário*, quando o Boi da Madre Deus cruzou com o Boi dos Carneiros, entre o Largo do Santiago e as Cajazeiras: “Tirei a minha dirindanda: um fio elétrico grosso enrolado de pano encarnado e azul. Dei uma tacada na costa dele e ele caiu se arrastando”. Ainda segundo seu depoimento, nesse dia “teve bala, teve pau como o diabo Miguel Grande, que mandava no Boi de Santiago, pegou uma cacetada. Deram um tiro no canto do Hospital Geral. Mataram Henrique!” O que poderia ser considerado uma tragédia, ganha também outras conotações, pois “nesse tempo o boi só era bom quando se encontrava com outro e era cacete pra todo lado. Aquele que corresse não prestava. Agora não, tá tudo civilizado. É assim mesmo” (TEIXEIRA, 2002, p.2)²⁰.

Outra versão desse fato foi relatada pelo Sr. Zé Toinho, ex-presidente do Boi da Madre Deus, em entrevista que me foi concedida:

Eu sei que tinha muita briga com o Boi da Madre Deus, eu sei de história quando o finado Zé Igarapé cantava no Boi da Madre Deus, lá por 1930. O encontro que teve ali no Largo [do] Santiago[...] Ali no Largo [do] Santiago tinha um boi. Aí desceram aqui em frente do Ceprama, pra poder se encontrar com o Boi da Madre Deus. Teve morte, muita facada, muito negócio... Resultado: é que o pessoal da Madre Deus era em número maior – por que eles estavam dentro do bairro. E teve muita coisa, aí a Madre Deus foi çaçada. Aí çaçaram nessa época foi [...] o boi. O Boi da Madre Deus não podia sair.

Como já foi citado anteriormente desde a 1ª metade do século XIX até a metade do século XX, os grupos de bumba-meu-boi não eram vistos com “bons olhos” pela elite de São Luís, por isso foram proibidos de entrar no centro da cidade, restringindo-se seus espaços aos bairros do João Paulo até o Areal (onde hoje é o bairro do Monte Castelo), Anil e zona rural da ilha. Nesse período,

a imprensa maranhense, assim como a nacional,

condenavam a ‘brincadeira’, considerando-a folguedo estúpido e imoral, uma brincadeira própria de negros que atentavam à boa ordem, à civilização e à moral[...] logo no Maranhão, o bumba-meu-boi foi reprimido pelos órgãos estatais, chegando ao ponto de total proibição de apresentação do boi no período de 1861 a 1867. (CARVALHO, 1995, p. 46).

Sendo o bumba-meu-boi uma manifestação cultural produzida por “esse pessoal matador de boi e pescador”²¹, pertencentes, portanto, aos setores populares, era discriminado e rejeitado por setores da elite ludovicense dessa época, que tinha “como modelo de civilidade a Europa e um orgulho todo especial de ‘ter sido fundada pelos franceses’ e de ser considerada a Atenas Brasileira”²². Então, para essa mesma elite era inadmissível que essas manifestações populares, sempre vistas como coisas de negros, “bêbados”, “baderneiros” e “ladrões”, pudessem compartilhar com ela do mesmo espaço social, o qual considerava como seu, de direito”.

Assim, como narra o ex-cantador do Bumba-boi da Madre Deus, Sr. José Costa de Jesus, conhecido como Zé Paú, “as apresentações iam até o Posto Fiscal e voltavam, não podiam passar. Eu tenho impressão de que incomodavam o povo antigamente. [...] No São João, no Centro da cidade, tocavam fogos, foguetes, mas não havia o boi, porque não podia passar”. (MARANHÃO, 1999).

O preconceito, o desprezo e as proibições em relação às manifestações advindas dos setores mais pobres da sociedade maranhense se perpetuaram por várias anos. Até por volta dos anos 50, o bumba-boi era alvo de discriminação ativa. Podia-se ouvir até mesmo nas rádios pessoas que condenavam e “falavam mal desta brincadeira, que não tinha êxito porque era feita por pessoas pobres, pretas, feias e analfabetas; que os tambores de crioula eram para serem dançados por misses”²³.

Segundo o Sr. José Costa de Jesus, ou Zé Paú, apesar disso, já na década de 30, mais precisamente no ano de 1939, um grupo de bumba-boi dançou pela primeira vez dentro da cidade e, em 1940, dançou no Bairro do Areal (hoje Monte Castelo). A partir daí o bumba-boi passou a se apresentar na cidade. O Sr. Zé Paú guarda em sua memória um episódio importante, do início dos anos 60. Conta ele que o então Presidente da República, João Goulart (1961 a 1964), veio visitar a cidade de São Luís e o grupo de Boi da Maioba foi convidado a se apresentar no Palácio dos Leões (antiga sede do Governo do Estado)²⁴.

Segundo o Sr. Antônio José²⁵, já era prática comum do governador Newton Belo e do prefeito Costa Rodrigues (1960 à 1965) convidarem as brincadeiras de bumba-boi para dançarem nas sedes dos governos, principalmente para homenagear algum importante visitante ou, ainda, durante o período junino. Segundo o mesmo informante, no mandato de Costa Rodrigues foi construído um teatro de arena na praça Deodoro - palco central de manifestações políticas e sociais de São Luís, localizada no coração do centro comercial da cidade - no qual as brincadeiras se apresentavam durante o período junino.

Tais dados podem refletir que mesmo durante o período de proibição e nos anos de repressão militar os grupos de bumba-boi tinham certo acesso e eram aceitos por parte da elite política e social da cidade, uma parte bem pequena, diga-se de passagem, mas fundamental na medida em que corrobora para alterar concepções e olhares sobre o bumba-boi. Assim este vai adquirindo, com o decorrer dos anos, outros sentidos e atribuições, passa a desfrutar de espaços na mídia com as primeiras gravações de discos de bumba-boi²⁶, e a freqüentar outros ambientes, sendo inclusive solicitado a viajar para outros estados, representando o Maranhão; passa a receber os primeiros incentivos através dos órgãos oficiais de Cultura, o que levaria ao início da institucionalização das brincadeiras, que precisam se cadastrar junto à Maratur (Empresa Maranhense de Turismo) criada no final dos anos 60 pelo então governador José Sarney - política continuada no governo da sua filha Roseana Sarney - e que na época coordenava as atividades relacionadas às manifestações culturais do Estado.

4 UM OUTRO LADO DA HISTÓRIA: o boi e sua “nova imagem”

Atualmente, pode-se falar de uma significativa mudança em relação à imagem desses grupos no passado: o bumba-boi já não sofre tanta discriminação e nem está restrito à periferia da cidade. Ele é eleito e aceito como um dos símbolos da identidade do maranhense, tem cada vez mais conquistado espaços, ampliando e divulgando imagens do que hoje é considerado a tradição genuína deste rincão do Brasil.

Enquanto produto cultural maranhense, destaco que o boi não deixou de ser reconhecido como um objeto de produção popular que não perdeu totalmente seus traços identitários, seus sinais diacríticos de segmento social, mas que cresceu outros, incorporou novos contornos, assumiu outras concepções morais e estéticas. Desse modo, tais mudanças de posição assumidas pelos grupos de bumba-boi não constituem uma realidade tão abrangente, como alguns setores sociais buscam convencer-nos, pois não foram todos os grupos de bumba-meu-boi aceitos por essa parcela da sociedade maranhense e pelos turistas, de modo geral, que antes os desprezavam. Ou seja, enquanto uns foram escolhidos,

outros foram preteridos. Assim, os grupos incorporados e transformados ao sabor desses novos consumidores estão principalmente arrolados dentro do que se convencionou chamar de *sotaque* de orquestra e os grupos alternativos. O que não quer dizer que bois como o da Madre Deus, Maracanã, Maioba, entre outros de *sotaque* da Ilha; os bois de Santa Fé, Apolônio, Pindaré, *sotaque* da Baixada; da Fé em Deus, Leonardo, de *sotaque* de zabumba; não estejam imersos nessa nova conjuntura que se desenha no Maranhão.

Um dos fatores que possibilitou essas mudanças ao longo dos processos históricos no Brasil foi a transformação de manifestações culturais localizadas originalmente nos setores populares, em grandes símbolos de identidade. De acordo com Renato Ortiz, a necessidade de criar Estados-Nações e a integração dos diversos segmentos sociais no interior da totalidade nacional dependeu de uma série de fatores, como por exemplo “uma consciência coletiva, cimento ideológico da coesão nacional e da invenção de símbolos nacionais”. (ORTIZ, 1994, p. 43-44).

O engraçado dessas mudanças de valores em relação à brincadeira de bumba-boi, é revelar que aqui no Maranhão anda-se contra a história. Enquanto na décadas de 20 e 30 do século passado, os intelectuais brasileiros se voltaram para “descobrir” a brasilidade, as “raízes do Brasil”, assumir e definir o que é ser brasileiro; no Maranhão a intelectualidade²⁷ voltava ainda seus olhos para o “eterno sonho” de reproduzir em solo tupiniquim a Europa encantada pelo seu processo civilizatório/modernizante. Assim, enquanto eram descobertos e inventados os símbolos que representariam a “Nação Brasileira” como, o samba, o futebol, o carnaval, a feijoada e o candomblé, entre outros, no Maranhão ainda era válido proibir as manifestações de culturas negras, indígenas e mestiças, pois essas sinalizavam a impossibilidade de edificar a tão desejada “França Equinocial”.

Atualmente, semelhante ao que aconteceu com o samba carioca que foi transformado em música nacional por excelência e que, de acordo com Vianna (1995), culminou em um processo de “coroamento de uma tradição secular de contatos entre vários grupos sociais na tentativa de inventar a identidade e a cultura popular brasileira”, o bumba-meu-boi, em proporção local, nos últimos 20 anos vem assumindo a condição de ser o carro chefe das festas juninas, o símbolo maior de identificação da cultura do Estado. Condição essa que pode ser demonstrada nas toadas que seguem, em que os cantadores do Boi do Maracanã e da Madre Deus a retratam inserindo o bumba-meu-boi no quadro de signos de identificação nacional e estadual

O meu País tem características populares descritas por turistas estrangeiros/De todas as marcantes é Brasil do bumba-

meu-boi ponto culminante do folclore brasileiro/Brasil da juçara, do cacau e caruru/Brasil do tacacá/Brasil do babaçu/Brasil do algodão, do chimarrão e do café/É Brasil do samba e terra do rei Pelé/Brasil da macumba e da jangada e do xangô/Brasil do Pão de Açúcar/Brasil do Cristo Redentor/ Não posso me esquecer nessa toada da Ilha dos Lençóis/ Ilha do Rei Sebastião/Em Barrerinhas a natureza põe as mãos, criando as dunas mais lindas, isso só tem no Maranhão (Toada de Humberto, cantador do Boi de Maracanã, 2000).

São Luís é o patrimônio da humanidade, berço de cultura do Maranhão/Todas as brincadeiras vêm mantendo a tradição, se firmando no mais forte, que é o bumba-boi pra São João/ Viva a minha terra, como eu te amo/Parabéns para o ano dois mil e o meu Brasil 500 anos (Toada de Zé Alberto, cantador da Madre Deus, 2000).

Nas toadas acima transcritas, ressalta-se o bumba-boi como um signo que transpõe as fronteiras do Maranhão, reafirma a máxima de Mário de Andrade de que “o boi é o bicho nacional por excelência”²⁸. No entanto, frisam-se que embora, o Boi seja patrimônio cultural da nação, é no Maranhão que ele “vem mantendo a tradição, se firmando no mais forte que é o bumba-boi pra São João”²⁹

O atual contexto social e histórico, como já foi referido anteriormente, é marcado pelo redimensionamento dos bens culturais e simbólicos no mercado global como “bens de consumo”, sendo assim, disponibilizados para os vários segmentos sociais que passam a se identificar e atribuir-lhes diversos significados ao adquiri-los, o que se pode considerar um outro fator de mudança na condição dessas manifestações. Em outras palavras, para ser aceito, o boi teve que entrar na onda global, que ao invés de eliminar as peculiaridades locais, salientou-as e deu-lhe visibilidade midiática, bem como o reconhecimento do poder público desses bens culturais como mercadoria de consumo. Como exemplo disso pode-se citar as ações do Governo do Estado do Maranhão, que nos últimos 10 anos vem investindo de forma significativa na imagem do bumba-meu-boi como signo de identidade do maranhense, criando formas de financiamento de cds, vídeos, viagens, propagandas em cadeia nacional e estadual que destacam a brincadeira e o período de São João; apoios aos órgãos oficiais de Cultura para a realização de seminários, palestras e encontros sobre temáticas relacionadas ao bumba-boi, e ainda a própria posição dos líderes do governo em favor dessas brincadeiras, assumindo publicamente o gosto e admiração pelas

mesmas, como é o caso da ex-governadora do Maranhão, Roseana Sarney, que assumiu papéis como o de madrinha de grupos de bumba-meu-boi durante todo o seu mandato.

Dessa forma, o boi não pode ser mais visto apenas como uma manifestação advinda dos setores populares, é uma manifestação cultural híbrida na sua concepção e expressão. Constrói-se a partir de elementos advindos de diversas camadas sociais, o que lhe permite assumir uma miríade de valores e sentidos. Através desse trânsito entre o “popular” e o “erudito”, não de maneira dual, estanque, o que se vê é que categorias analíticas antes supostamente capazes de cobrir tais situações, hoje se mostram ineficientes na medida em que o que “se desvanece não são tanto os bens antes conhecidos como cultos ou populares, quanto a pretensão de uns e outros de configurar universos auto-suficientes, e de que as obras produzidas em cada campo sejam unicamente ‘expressão’ de seus criadores” . (CANCLINI, 2000, p. 22).

Desta forma, o bumba-boi pode ser ao mesmo tempo signo representativo da cidade, do Estado, e um bem de consumo que, por vezes, assume funções tradicionais, como dar sentido a vida dos que organizam e produzem o folguedo; desenvolvendo e gerando novos sentidos, como ser um negócio lucrativo, uma mercadoria vendável, pois, “atraem turistas e consumidores urbanos que encontram nos bens folclóricos signos de distinção, referências personalizadas que os bens industriais não oferecem” .(CANCLINI, 2000, p. 22). Portanto, esse se constitui para o poder público e para os diretores dos grupos de bumba-boi como uma fonte geradora de divisas através da sua comercialização turística, sempre sequiosa pelos chamados “bens tradicionais” que se transformam em verdadeiras “vitrines” das sociedades particulares.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: o que é mesmo um “batalhão pesado”?

Após essa grande pausa, retomo a descrição sobre as peculiaridades do boi da ilha, destacando que este pode ser considerado o mais aberto ou mais democrático de todos os grupos de bumba-boi³⁰, pois “batalhão na avenida/ só não brinca quem não quer/quem já viu parece com Círio de Nazaré”³¹. Dizem que basta ter disposição e uma matraca na mão para acompanhá-lo. Todos os que simpatizam com o grupo podem entrar no conjunto e segui-lo, mas para isso, é interessante que saiba tocar os dois pedaços de paus no ritmo do boi. Melhor dizendo, é preciso fazer repenicar as matracas e saber dar *murro* nos pandeirões. Daí, ser praticamente impossível precisar o número de brincantes desses grupos.

O que marca a abertura desse estilo de boi é o fato de não haver uma vestimenta específica e obrigatória para quem toca no grupo. Os tocadores

possuem a liberdade de usar a roupa que quiser: calça, bermuda, short, saia, com camisa, sem camisa, blusa e vestido de qualquer cor ou modelo. Portanto, qualquer pessoa que quiser acompanhar é bem vinda. Isso é um diferencial em relação a outros grupos que estão alojados nos *sotaques* de Zabumba, Orquestra, Costa de Mão e da Baixada, bem como nos considerados alternativos. Estes possuem um número menor de brincantes e os tocadores, assim como os personagens, geralmente possuem camisas indicando o grupo ou uma indumentária.

Os bois do *sotaque* da ilha são por esses motivos considerados os bois do “povo”, pois conseguem fazer verdadeiros arrastões, reunindo um grande número de pessoas. No depoimento abaixo, o presidente do Boi de São José de Ribamar esclarece o motivo desses grupos serem considerados os mais abertos, serem os “bois do povão”, pois

[...] quanto aos brincantes, temos que distinguir, devido o boi de matraca, a tropeada ser formada de paisanos, que são os matraqueiros e pandeireiros, e dos rajados, caboclos de pena, índias, ... a parte enfeitada possui uma faixa de 300 pessoas – que são as personagens oficiais do grupo -, depois vem o povão, cuja parte é a principal, sem o povão à paisana o boi não presta, pois dentre a multidão estão os tocadores de pandeiros e matracas e chegam a mais de 600, pessoas, fazendo aquele arrastão danado, o total do batalhão chega a mais de mil componentes³².

No período de São João, as pessoas ficam noite adentro com suas matracas nas mãos, esperando seu boi do coração para se deliciar e brincar junto com ele. É importante ressaltar que mesmo com essa abertura, há, por parte dos organizadores, uma certa preocupação: a de que o grupo faça um bom espetáculo. Pois quando uma pessoa invade o conjunto durante uma apresentação e toca fora do ritmo, ou o cantador chama logo sua atenção para que fique atenta e tente acompanhar de forma correta, ou alguém, mais experiente que estiver ao seu lado, vai tentar ensinar o toque certo, ou simplesmente lhe empurrá-la para que você se atente de que está tocando fora da cadência da brincadeira.

Tem casos, também, tanto nos ensaios quanto nas apresentações, de se entrar no bumba-boi sem nenhum instrumento e receber das mãos de um brincante um par de matracas ou um pandeirão e vendo que você está inibido ou não sabe o que fazer com os instrumentos, gracejam, fazendo acreditar que se pode ensinar e aprender a tocar naquele momento. Muitas vezes, em meio àquela profusão de sons e ruídos, tentam explicar, falando e gesticulando, como se

deve tocar. Como os resultados nem sempre são satisfatórios, rompem a fronteira do estranhamento, do desconhecimento, e estabelecem uma aura de intimidade à medida em que pegam nossas mãos conduzindo-as em movimentos ritmados e treinados em busca da sonoridade desejada e peculiar de cada grupo. Nesse momento, destaca-se sua condição de sabedor do ofício da brincadeira e reveste-se valor sua condição cotidiana, pois a maioria dos bons tocadores e dançarinos do bumba-boi é oriunda das camadas subalternas da sociedade ludovicense e, portanto, fora desse espaço não goza de grande prestígio. Como contra-dádiva, é sempre de bom tom oferecer um cigarrinho, uma dose de cachaça, uma cerveja ou, quem sabe, corresponder a uma paquera.

Já no cordão do bumba-boi, onde ficam os brincantes vestidos, há uma certa reserva durante a apresentação. Mas o cordão também pode ser invadido, contanto que haja um certo cuidado para não bagunçar o conjunto. Muitas vezes, quem entra na roda do boi pode ser agraciado em vestir parte da indumentária, como um chapéu de fita ou de pena, um cocar das índias e às vezes o próprio boi, sentindo assim o cheiro de suor e o peso das indumentárias.

Tentei aqui retratar o contexto no qual estão inseridos os considerados “*batalhões pesados*” – os bois de *sotaque* da ilha ou de matraca. Portanto, ser considerado um batalhão pesado implica várias questões. As entrevistas abaixo deixam explícitas as dificuldades de se definir um grupo enquanto tal.

- Quais são os bois grandes?
- Eu não gosto de falar, mas boi grande, se chama boi grande... .
- É..., que se chama boi pesado, batalhão pesado?
- Mas tem uma diferença muito grande aí, tem batalhão pesado que o cantador é pequeno pra o batalhão que tem, e por isso que eu não gosto de falar... .
- Então o que é um batalhão pesado?
- Quando o boi é grande e o amo é bom, tá vendo?
- O boi grande tem quantos pandeiros?
- Não, isso não influi, não influi porque tem boi que começa com 30, 40 pandeiros, quando é de madrugada só tem 10, já aconteceu com o meu boi, acontece com os outros bois que já veio, tá vendo? Tem boi que começa grande quando é 5 horas da manhã, 4, 3 horas da madrugada acaba que não tem mais gente pra brincar. Então é dias como qualquer boi da ilha ... Olha, na gíria boi grande que se chama ... Maracanã, Maioba, Madre Deus, Ribamar, Iguaíba, Matinha, Sítio do Apicum, Pindoba. Boi de peso são dias como qualquer boi³³.

- O que é um batalhão pesado, um boi grande, de peso?
- Por que só é considerado um boi grande aqueles bois que se apresentam numa faixa de 30 pandeiros, assim uns 10 a 12 caboclos de pena, nós temos próximo de 18, fora o pessoal que sai de roupa de pena (índias), nós estamos beirando aí 45 roupa de fita, então um boi desse aí tem que ser grande, 300 a 400 pares de matraca, então é considerado um boi grande, oito a dez ônibus cheio de pessoas³⁴.

Essas duas concepções propõem um desafio, ou seja, quais são os elementos necessários para ser considerado um “*batalhão pesado*”? É, a meu ver, uma questão valorativa, pois o julgamento está submetido ao apreço que cada um tem por seu grupo. Por isso, todos os grupos assumem o discurso de ser o melhor, o maior, o mais bonito, o mais querido e o mais pesado.

Como exemplo, cito o depoimento do presidente do Boi da Madre Deus, que em seu discurso afirma que o grupo possui essa quantidade de pessoas e, por isso, pode ser considerado um batalhão pesado. No entanto, nas apresentações do grupo que acompanhei, não consegui visualizar esse contingente de brincantes. O que demonstra a necessidade de se auto-afirmar como um grande grupo a partir do número total de brincantes e simpatizantes. O que pode ser ressaltado é que, ao se apresentar, o Boi da Madre Deus, assim como outros, ainda é um dos grupos aclamados. Percebo que sua legitimidade enquanto “*batalhão pesado*” é muitas vezes questionada pelos próprios brincantes e pelos seus adversários, mas para permanecer nessa condição até hoje, é necessária a inclusão de outros ingredientes, como a própria história de surgimento da brincadeira e o seu passado de glória em relação aos contrários.

Para muitas pessoas, chama-se “*batalhão*” pela quantidade de brincantes, acompanhantes e simpatizantes ou torcedores que o grupo consegue reunir, ou seja, como se fosse formado um regimento semelhante aos das tropas militares, que estivesse sempre pronto para defender, atacar ou guerrear, usando como armas para o combate, argumentos pautados na dança, no canto, no ritmo, na beleza e na devoção. A palavra “*pesado*” estaria relacionada também à quantidade de pessoas e à qualidade da *trupiada*, ou seja, à sustentação do ritmo cadenciado do grupo, com ausência de erro, principalmente durante as apresentações.

Implica também, para ser considerado um “*batalhão pesado*”, que o grupo possua uma história de glória, pautada em um passado que o enobreça em relação aos outros, sustentado por uma tradição que muitas vezes é referendada na sua antigüidade e na permanência de elementos considerados tradicio-

nais, como por exemplo “saber fazer” a brincadeira, conhecimentos adquiridos e criados ao longo do tempo e que se perpetuam no seio do grupo. Além, é claro, de possuir um amo ou cantador que reúna liderança, carisma, boa voz, saber fazer poesia e ter conhecimento da arte de cantar bumba-boi.

THE HEAVY BATTALIONS

ABSTRACT

This paper is the result of a research done of more than seven years, about the different “Bumba-meu-boi” groups of São Luis Maranhão. In this study a description of the universe of those groups is done taking into consideration the main aspects experienced by them such as conflict, dispute, the festival, the identification and devotion of their components. Taking historical aspects of Saint Marçal’s festival the most significant to them, traditional stage of dispute and conflict of the “sotaque” groups. The historical course of acceptance of those groups in the city of São Luis is also emphasized, making a report of how such groups are not considered marginal anymore, having become symbols of maranhense identity.

Keywords: Bumba-meu-boi, Hybrid Culture, Festival

Notas

¹ Depoimento retirado do trabalho de Regina Prado: Todo ano tem: estudo sobre a festa na estrutura social camponesa. (PRADO, 1977, p. 108-109). Dissertação de Mestrado.

² Trincheira: o conjunto de brincantes vestidos do bumba-boi.

³ Trupiada: som do bumba-boi. O ritmo cadenciado. Em Azevedo Neto encontramos a palavra tropeada, que significa: total de participantes de um conjunto: tropeada pesada-muitos brincantes; tropeada leve-poucos brincantes. (AZEVEDO NETO, 1983, p. 85).

⁴ Dado retirado do Cadastro do CCPDVF (Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho), em julho de 2002.

⁵ Estimativa do último São Marçal, Jornal O Estado do Maranhão, em 30/06/2002.

⁶ Todos dois eram considerados de *sotaque* de matraca. O Boi do Sítio do Apicum ainda esta em atividade, o outro acabou.

⁷ Têm-se informações que hoje esse grupo é chamado de “Movimento Cultural da Região do João Paulo Jornal o Estado do Maranhão” (01/07/01).

⁸ Rapaziada: denominação dada pelo cantador aos brincantes do grupo.

⁹ Essa distribuição é realizada pelos soldados. O quartel distribui uma quantidade “x” de senhas de água e de feijão para o presidente ou dono de cada brincadeira, este as entrega a cada brincante vestido e cada tocador, que as trocam com os soldados pela a água e o feijão. Eu também recebi senhas para beber água e tomar feijão.

¹⁰ Depoimento de Guilherme Santos, 75 anos, caboclo de fita do Boi da Madre Deus, publicado em 01/07/02 no jornal O Estado do Maranhão.

¹¹ Informação verbal Sr. Zé Toinho, ex-presidente do Boi da Madre Deus.

¹² Prado (1977, p. 106).

¹³ Raposa: município do Maranhão que faz parte da Grande São Luís, é localizado na faixa litorânea.

¹⁴ Todos os nomes que seguem sublinhados são bairros de São Luís, tanto da zona rural quanto da zona urbana.

¹⁵ Trecho de uma toada de Chagas, cantador do Boi da Maioba, 2001.

¹⁶ Encantados: nome dado às entidades espirituais presentes nas religiões afro-maranhenses.

¹⁷ Ana Lourdes, índia do Boi da Madre Deus, em 27/05/02.

¹⁸ Sr. Zé Alberto, cantador do Boi da Madre Deus, em 11/07/02.

¹⁹ Entrevista publicada pelo Suplemento “Cultura e Literário” do Jornal Pequeno em 14 de junho de 2002, a entrevista foi realizada em 07 de junho de 1974. Zé Igarapé faleceu depois de sete anos, no dia 07 de junho de 1981.

²⁰ Sr. Zé Toinho, ex-presidente do Boi da Madre Deus em 05/04/96.

²¹ Um estudo crítico sobre o mito da fundação francesa de São Luís e a influência desse fato na vida das elites e da população ludovicense ver: LACROIX, Maria De Lourdes Lauande, A fundação francesa de São Luís e seus Mitos. São Luís: EDUFMA, 2000. (p.47-48)

²² Trechos do depoimento do Senhor José Costa de Jesus, conhecido como Zé Paú, ex-cantador do Boi da Madre Deus e da Maioba. Retirado do livro “Memórias de Velhos” (1999, p. 168).

²³ MARANHÃO (1999, p.168).

²⁴ O Sr. Antônio José é ludovicense, tem aproximadamente 60 anos, é filho de um importante personagem político da cidade, o Sr. Costa Rodrigues, prefeito de São Luís entre os anos de 1963 a 1965.

²⁵ O Boi da Madre Deus foi o primeiro grupo a gravar um disco, em 1971.

²⁶ Ressalto que o que estou aqui chamando de intelectualidade maranhense refere-se apenas aos intelectuais que aqui permaneceram, haja visto, que muitos que compunham o primeiro time dos modernistas, como Graça Aranha, entre outros, eram maranhense mas no entanto, não voltaram seus olhos para a terrinha.

²⁷(Andrade, Mário apud Carvalho, 1995, p. 34).

²⁸Peculiaridade da brincadeira só encontrada no Estado do Maranhão.

²⁹É possível observar que em todos os grupos de bumba-boi a participação do público é bem aceita, todos permitem que as pessoas brinquem em seus cordões. Acontece que alguns grupos pedem para primeiro mostrar parte da sua coreografia, isso tem acontecido principalmente nos bois de orquestra e nos bois considerados alternativos.

³⁰Trecho de uma toada de Chagas, cantor do Boi da Maioba gravada no cd “Parabéns Maioba” em 2001.

³¹Depoimento retirado do livro: REIS, José de Ribamar dos. João Chiador, 50 anos de glória: meio século de cantoria: São Luís: 2002. Série Memória da Cidade. p.60.

³²Sr. Zé Alberto, cantor do Boi da Madre Deus, em 11/07/02.

³³Sr. Lourival, presidente do Boi da Madre Deus em 16/05/02.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria do Socorro. **Tu contas! Eu conto!** São Luís: SIOGE, 1986.
AZEVEDO NETO, Américo. **Bumba-meu-boi no Maranhão.** São Luís: Alcântara, 1983.

BARKHTIN, Mikhail. **A cultura Popular na Idade Média e no Renascimento:** o contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC; [Brasília]: Ed. Universidade de Brasília, 1997.

CANCLINI, Nestor G. **Culturas Híbridas.** São Paulo: USP, 2000.

CANJÃO, Isanda Maria Falcão. **Bumba-meu-boi, o Rito pede “Passagem” em São Luís do Maranhão.** 2001. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul..

CARVALHO, Maria Pinho Michol. **Matracas que desafiam o tempo:** é o bumba-meu-boi do Maranhão. São Luís: 1995.

CARVALHO, José Jorge. O lugar da cultura tradicional na sociedade moderna. In: **Seminário Folclore e Cultura Popular.** Rio de Janeiro: IBAC, 1992.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro.** Rio de Janeiro:INL, 1962.

CAVALCANTI, Maria Laura. O Bumba-meu-boi do Maranhão: apreciação analítica. **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore,** n.17, ago.2000.

FERRETTI, Mundicarmo. **Desceu na Guma.** .São Luís: SIOGE, 1993.

- FERRETTI, Sérgio. **Boi de Encantado no Tambor de Mina**. Trabalho apresentado no GT Ritos, Festas e Artes na Sociedade Contemporânea. In: REUINÃO de Associação Brasileira de Antropologia, Niterói, 1994. (mimeo).
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A Invenção das tradições**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
- LACROIX, Maria De Lourdes Lauande. **A fundação francesa de São Luís e seus Mitos**. São Luís: *EDUFMA*, 2000.
- LIMA, Carlos. Bumba-meu-boi. **Suplemento Cultural do SIOGE**. São Luís, p.25. mês junho.1993.
- MARQUES, Francisca Ester de Sá. **Mídia e experiência estética na cultura popular**: o caso do bumba-meu-boi. São Luís: Imprensa Universitária, 1999.
- MARANHÃO. Fundação Cultural. Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho. **Memória de Velhos**: Depoimentos. São Luís: LITHOGRAF. 1999.v.5.
- MULTIDÃO dá vida a São Marçal. **O Estado do Maranhão**, São Luís, p.12, 01.jul.2001.
- NASCIMENTO MORAES, Fernando. Bumba-meu-boi no Maranhão. **Suplemento Cultural do SIOGE**; São Luís, p.18. mês junho.1993.
- ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PRADO, Regina de Paula Santos. **Todo ano tem**: as festas na estrutura social camponesa. Dissertação (Mestrado.em Antropologia). Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1977.
- REIS, José Ribamar Sousa dos. **Bumba-boi, o maior espetáculo do Maranhão**. *São Luís*, 2001.
- REIS, José Ribamar Sousa dos. **João Chiador, 50 anos de glória**: meio século de cantoria. São Luís, 2002.
- SANCHES, Abmalena Santos. **Capricho do Povo**: estudo sobre o grupo de bumba-meu-boi da Madre de Deus. São Luís, 1997. Monografia (Curso de Ciências Sociais).Universidade Federal do Maranhão.
- SILVA, Carlos Benedito R. da. **Ritmos da Identidade**: mestiçagem e sincretismos na cultura do Maranhão. São Paulo: PUC, 2001. Tese.(Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

SILVA, Wânia Suely Santos da. **Sobre a identidade cultural como construção discursiva**: um estudo do carnaval de São Luís do Maranhão. São Luís. Dissertação. (Mestrado Psicologia Social), Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2002.

TEIXEIRA, César. Zé Igarapé: o gigante do céu da Madre Deus. **Jornal Pequeno**, São Luís, 14 jun. 2002. Suplemento Cultural, p,2.

VIANNA, Hermano. **O mistério do Samba**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; UFRJ; 1995.

VIEIRA FILHO, Domingos. **Folclore brasileiro**: Maranhão. Rio de Janeiro: Funarte,, 1977.

Jornais Consultados:

O ESTADO DO MARANHÃO, São Luís, 13 maio 1979.

O ESTADO DO MARANHÃO, São Luís, 06 jun 1989.

O IMPARCIAL, São Luís, 28 maio 1991.

O ESTADO DO MARANHÃO, São Luís, 30 jun. 1994.

O IMPARCIAL. São Luís, 22 ago. 1994.

O ESTADO DO MARANHÃO, São Luís, 29 maio 1996.

O ESTADO DO MARANHÃO, São Luís, 23 jan. 1999.

O ESTADO DO MARANHÃO, São Luís, 01 jul. 2001.

JORNAL PEQUENO, São Luís, 14 jun. 2002 .

O ESTADO DO MARANHÃO, São Luís, 23 jun. 2002.

O ESTADO DO MARANHÃO, São Luís, 30 jun. 2002.

O ESTADO DO MARANHÃO, São Luís, 01 jul. 2002.